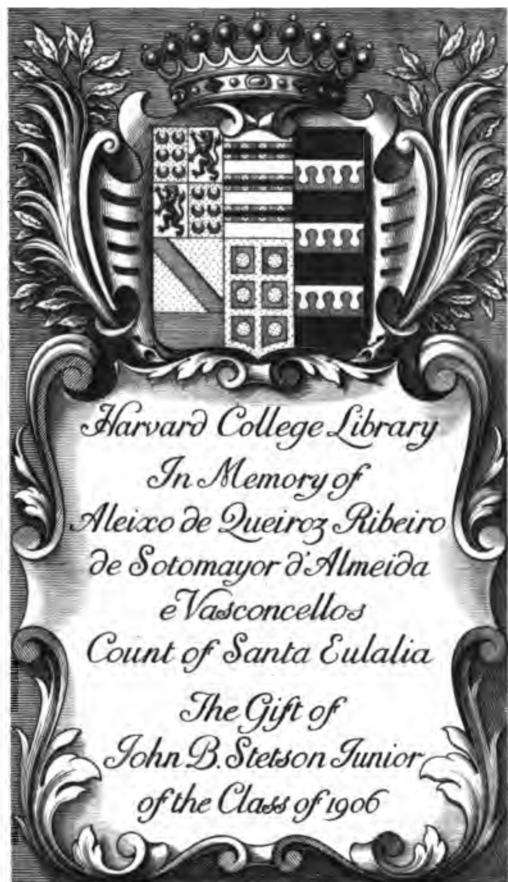

Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

CAMÕES

CAMÕES

ALFREDO CARVALHAES

CAMÕES

Quem é este que n'harpa lusitana
Abate as musas gregas e as latinas?

JOÃO LOPES LEITÃO.

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA
MDCCCLXXX

MDLXXX – MDCCCLXXX

Á

DIOGO DE MACEDO

DEPUTADO DA NAÇÃO

A. C.

CAMÕES

Eil-o emfim sobranceiro ás tempestades
Estranho sol que a vista nos deslumbra!
Tres seculos passaram, tres edades
Tombadas são na tumular penumbra.
Reinos, imperios, villas e cidades
O mesmo pó gelifero as obumbra,
Mas tu, Camões, do tempo a acção vencendo
Do tempo novas palmas vaes colhendo!

Se vaes! Cada nação, fitando absorta
O monumento que deixaste erguido,
Submissa e respeitosa, abre-te a porta
Do Pantheão ao genio promettido.
Se alguem te crera a fama egregia morta,
Prestando agora imparcial ouvido,
Que nos diga se póde por ventura
Morrer quem se guindou a tanta altura!

Não póde, não; teu nome, ultrapassando
Do tempo roedor a estrema meta,
O nome portuguez irá levando
De pólo a pólo, ó singular poeta!
Quem mais bello padrão, mais venerando
Jámais herdou á amada patria abjecta,
Que com desterros, carceres e frios
Do maior filho paga o genio e os brios?!

Mas corramos um veu sobre as mizerias
Que a patria embalde escurecer procura;
Ha não sei que lagoas deleterias
D'esse infame paiz na estancia escura;
Não ficam bem decorações funereas
Das galas junto á sorridente alvura!
Threnos, porque? Porque motivo, prantos,
Se o dia é cheio de festivos cantos?!

De mais, que montaria á tua gloria
Mais um libello contra a patria, quando
De teus feitos e acções, a grã memoria
Está contra tal acto protestando.
Deixemos esse duro encargo á historia,
Que eu, n'este caso, generoso e brando,
Os crimes calarei da ignara Armida
Com quem baixaste á sepulchral jazida.

E calo-os, porque a patria embora ingrata
É sempre a patria, o quente ninho, onde
O desherdado, que o infortunio mata,
A gelada nudez aquece e esconde.
A patria é o claro lago que retrata,
A patria é o ecco amigo que responde,
Retrata as magoas e responde á qu'rella
De quem a gosa ou desterrado a anhella!

E eu não quero que houvesse n'este mundo
Quem mais amasse o *ninho seu paterno!*
Quem com mais lealdade e mais profundo
Desint'resse lhe désse um nome eterno.
Quer o ferro lhe cinja o furibundo
Valente braço, quer o sempiterno
Fogo do genio lhe illumine a mente,
Sempre a imagem da patria tem presente.

Favores não espera, que *movido*
De premio vil, não é seu nobre affecto!
Defeitos tem, que é homem, mas duvido
Que haja alguem menos dado ao lucro infecto.
Proprio é só de caracter corrompido
Obrar co'os olhos n'um thesouro abjecto;
Que valem pedras, orientaes cadeias
Dos Homeros perante as Odysseias?

Sim, sordida riqueza, os teus feitiços
E as tentações ardentes que despertas,
Podem tigres fazer dos mais submissos,
Em cidades mudar praias desertas;
Póde o teu ouro apremiar serviços
De mercenarias mãos ao lucro abertas,
Mas do talento — emanação divina —
Nem tu és mãe nem recompensa dina.

Não! Do talento a chamma deslumbrante
Nunca lograste, ó perfida, accendel-a!
Não vêem de ti Camões, Homero e Dante,
Milton, Bocage, Tasso e Campanella!
De ti vem a soberba triumphante,
Vem a avareza mais feroz do que ella,
Humilhações e infamias, co'a caterva
De quanta podridão nossa alma inerva.

O talento dá-o Deus aos seus eleitos,
Porque seu pulso n'elles se conheça;
Não é producto, não, de humanos peitos,
Nem sol que em cada sol nos appareça.
Como Minerva sahem já perfeitos
Da omnipotente, universal cabeça
Esses possantes reis, que têm por sceptro
Palheta alguns, outros escopro ou plectro.

Mas em compensação que arduos caminhos
Não pizam n'este mundo, por que obtenham
Afinal os honrosos pergaminhos,
Por cuja fome a vida inteira empenham!
Quanta injustiça, ó Deus, quantos espinhos,
Quantas tribulações os não despenham
Na duvida—o chacal que tanto come—
Quando a grade os não quer, e os poupa a fome!

Mil exemplos famosos poderia
Em prova do que digo apresentar-vos;
Mas a lista crescida par'ceria,
E temo com tal cousa enfastiar-vos;
Do genio sempre andou em companhia
(Batei as palmas gloriosos parvos!)
Turba d'agruras taes, que enumeral-as
É mais difficil do que exp'rimental-as!

Vêde Homero faminto e roto e cego,
Pela Grecia esmolando o pão escasso;
Cheio de horror do seu funesto emprego,
Geme em fria prisão Torquato Tasso;
Em Ravena exilado e sem socego,
Dante vagueia taciturno e lasso;
Fallece Milton em miseria extrema,
Preza de estranha dor, Byron blasphema!

Mas, ó do genio occulta força, ó mola
De tão prodigiosa fortaleza,
Que, por mais que se empenhem, não a assola
Nem da injustiça a mão nem da pobreza!
Que importa do passado a negra escola,
De Ovidio o exilio, e a turbida fereza
D'esses da terra despotas nefandos,
Cuja vontade é lei, e as leis são mandos?

Se a vocação é forte e verdadeira
Estorvar-lhe quem pode o passo ousado?
Gaste-se embora em breve a vida inteira,
Mas fique o monumento levantado!
Seja sempre nossa unica canceira
Cumprir as leis que nos impõe o fado,
Porque remar contra a maré, tarefa
É de quem tem pancada na cabeça.

Em premios não tenhaes os olhos postos,
Que não provenham dos leaes louvores
Dos que entendidos em diversos gostos
Conhecem pelo aroma as varias flores.
Deixae riquezas, titulos e postos
Aos «nullos» e seus futeis servidores,
Que ao cabo d'esta vida transitoria
Honroso assento encontrareis na historia.

Mas não basta ao talento o fogo insano
Em que se abraza, porque sobresaia;
Ao de Deus não é igual o peito humano,
Bem que ao do gerador bastante saia.
É mister desfazer duvida, engano,
E das cousas ganhar a extrema raia;
Estudae, trabalhae, porque essa herança
Só a dá no trabalho a preserv'rança.

Vêde este de quem canto como accorre
Do berço quente ainda á clara liça,
Onde a exp'riencia com a luz concorre
N'um convivio que as almas enfeitiça.
La no saudoso val, por onde corre
Do Mondego a corrente, que cubiça
De saber, suffocando-o, o não abate!
Que vigilias! que esforços! que combate!

Deixa da côrte o nobre ajuntamento,
Do Tejo foge a riba encantadora;
Tem já por si distincto nascimento,
Mas esta gloria vã pouco o namora;
Quer illustrar seu fundo entendimento,
E transportar-se para além da aurora
Nas azas brancas como pomas nuas
Das honras que elle chama proprias suas.

E como (como diz sabio dictado)
O querer é poder, em breve alcança
Ser de mestres, por mestres celebrado,
Tal foi de seus progressos a pujança!
Vêde como se atira denodado,
Cheio de crença, ardor e confiança,
Não aos mouros, que é cedo, mas a tudo
Quanto é saber, illustração e estudo!

Tudo sonda seu vasto esp'rito enorme
Em seis annos de rabida porfia!
De noute, meditando, pouco dorme,
Dos livros a paixão lhe rouba o dia.
Sempre ao designio que formou conforme,
Como quem d'outra mão não quer a guia,
Barrancos vence, indecisões supera,
Pensa, adivinha e confiado espera.

Espera por que a luz se faça clara
E das cousas conheça a quinta essencia;
Sexto sentido! intuição preclara!
Sem ti que vale excelsa intelligencia!
Ó de Deus santo dom, dádiva rara,
Faisca da divina omnisciencia,
Sobre elle desce em breve, porque é digno
Que tal favor lhe faça o ceu benigno.

Vêde que nobre ideia germinando
Vae do seu craneo já no fundo audaz!
Como de longe o esp'rito apparelhando,
O que pensa, em dispôr, todo se apraz!
Gemmas, saphiras, perolas juntando,
Maravilhas, sem par, faz e desfaz;
E assim provando vae da mão suprema
A minima brandura e a força extrema.

Montes de Coimbra, e vós que dos ribeiros
As aguas assombraes, verdes madeixas,
Vós que em silencio ouvistes, dos primeiros
Idyllios seus, as doloridas queixas;
Eccos, que em vossos seios feiticeiros
Inda guardaes tão candidas endeixas,
Zephiros brandos, solitarias agoas,
Que ás d'elle unistes vossas puras magoas;

Dizei-me, repetindo-as, se outra lyra
D'amor soube cantar com mais doçura;
Vêde como a saudade alli suspira,
Como a alegria ri, e a dôr murmura!
Embora um nume as cordas lhe desfira,
Não tem harpa terrena mais brandura;
Rei da harmonia, no sepulchro enterra
Comsigo a vara que enfeitiça a terra!

Rei da harmonia, sim, mas d'outro sceptro
Deu-lhe Deus por egual a sob'rania;
Se grande o vês no numeroso metro,
Grande o verás tambem na dôr impia.
A par do genio seu, caminha o espectro
Da injustiça, da magoa e da agonia!
Se um triumpho colheu ou simples c'rôa,
Logo a desgraça indomita o magôa!

Lá n'esses, d'onde voltas, doces prados,
Onde, ao carpir das murmuras correntes,
Exp'rimentaste os languidos cuidados
Dos primeiros affectos innocentes;
Onde dos choros sem razão chorados,
Dos cantos que cantaste incipientes,
O thesouro te fica, co'a fragancia
Das puras flores da descuidada infancia;

Prouvera a Deus que por egual deixasses,
Alheia á desventura ainda, a vida;
Porque a tão duras provas te poupasses
N'esta do mundo senda ennegrecida.
Nunca d'amor a ardencia esp'rimentasses,
P'ra ti em mortal ancia convertida;
Que não póde alliar-se co'a pobreza,
Do amor subido ou baixo, a realeza.

N'essa, que vês, singella creatura,
Porque assim te concentras, malfadado?
Ha lá quem te compr'henda, por mais pura
Alma que em sorte houvesse! Ó duro fado,
Que assim te faz subir a tanta altura,
Por te ver mais em baixo despenhado!
Ah! foge que receio, se não foges,
Que não aches no inferno onde te alojes.

Da borrasca, não vês, que se prepara,
Medonho indicio, em tudo que te cerca?
Porque ella estoure, formidavel, clara,
E tudo em vil naufragio se te perca,
Da lei assim affrontas, a preclara
Disposição, que indomita te acerca?
Ah! pois que assim o queres, não estranhes
Que em maior pranto as desventuras banhes!

Vae! Do desterro a solitaria plaga
Já de inclytos varões foi moradia;
A solidão é mãe que nos affaga
Como o mais puro amor não saberia.
Que pranto é esse que teu rosto alaga?
Quem suppunha em tal peito cobardia?!
Animo, cavalleiro, porque o mundo
Teu valor não desminta, furibundo!

Mas ah! Da inercia a languida ramagem
Nunca logrou prender um seio ardente!
Pois bem! Lá n'essa turbida paragem
Onde campeia o rabido Crescente,
Se valor não fallece nem coragem,
Não é de mais a mingoada gente;
Vellas ao vento, e veja a patria ingrata
Que nobre coração desterra e mata!

Vae! Talvez teu destino se amolleça
Quando exangue te vir, desfallecido;
É provavel que o sangue te appeteça
Este da patria solo ennegrecido.
Porque d'amor o premio se mereça,
Quanto pranto sem culpa se ha vertido!
O mais exiguo bem (e eu que o diga!)
Nunca póde alcançar-se sem fadiga.

Mas, ó da mente loucos devaneios,
Ó sonhos da mortal credulidade,
Porque de tão phantasticos arreios
Revestis nossa ardente mocidade,
Se em breve entregues nos deixaes aos feios
Ataques da cruel realidade,
E d'est'arte augmentaes as agonias
D'estes humanos, transitorios dias?!

De que servem martyrios, sacrificios,
Quando a sentença pelo fado escripta
Nos nega esses mesquinhos beneficios,
Que fazem cá na terra a humana dita?
Que te vale do mouro os maleficios
Affrontar valoroso, se a infinita
Eterna potestade determina
Ser de penas eivada a tua sina?

Que recompensa obtens d'essas feridas,
D'esse olho que perdeste na indecisa
Sorte das lusas armas aguerridas,
Como é que a amada patria te indemnisa?
D'essas nevadas mãos appetecidas
Que suave calor se te deriva?
Responde, ó frio carcere, que eu temo
Tocar do desespero o ponto extremo!

Mas se o ditoso berço em que nasceste
Se te transforma em leito d'amargura,
Eil-a essa d'além mar, sublime e agreste,
De todo o pobre honrado, sepultura!
Ávante! pois que assim o requereste!
Eil-o, o regio perdão que t'a assegura!
Quem um olho perdeu n'Africa adusta
Perder na India o outro o que lhe custa!

Isso de honras, mercês, commendas, postos
É p'ra quem é, que assim a lei o manda!
Como o devem saber os teus desgostos,
O mundo bola é que anda e desanda.
Esses de vate fulgurantes rostos,
Quando Deus o contrario não commanda,
Cingir não devem c'rôas cujo preço
Seja menor que o de qualquer adreço.

Não! Do poeta a fronte scismadora
Tem jus a galardão de mór valia!
Rosas do valle, e lagrimas da aurora
São já de seu sustento garantia!
Quem d'outras recompensas se enamora,
Com bem baixas bebidas se inebria;
Depois, que pezo o d'uma c'rôa d'ouro!
E como é leve e commoda a de louro!

Vê como a patria, em côro, já repete
De teus versos a letra numerosa!
Como já de teu genio se reflete
Do Tejo nos crystaes a luz saudosa!
Comtigo já ninguem por'hi compete
Do Parnaso na liça harmoniosa,
Que não ha quem melhor saiba os mysterios
Dos amorosos, languidos psalterios.

Vê d'esse, que com manha, e suja lyra
No paço contra ti accende a briga,
No beiço descahido, que suspira,
Do teu maior triumpho a prova amiga!
Vê como, ardendo em coleras, delira,
Quando na rua a gente se afadiga
Por te vêr, e apontando-te co'o dedo
De pasmo fica preza e doce medo.

Vê como as damas á porfia querem
Ouvir de tuas *voltas* a harmonia!
Olha as Sigêas como te preferem!
Como Paula te estima e lê Maria!
Como d'el-rei as graças te requerem,
Como Caminha chora d'agonia;
Esse Caminha ignaro, que não póde
Dissimular a inveja que o sacode.

Inveja, e quem me diz se, além da inveja,
Do ciume voraz o atiça o espinho?
D'aquelle collo, quem ha'hi que veja
Com frios olhos, o lascivo arminho?
Gentil, quem mais a vê, mais a deseja,
Que nunca teve amor outro caminho:
Quem póde da natura as leis austeras
Alterar ao sabor de vãs chimeras?

Mas, n'este caso, temo que a despeito
Da não vulgar magia de teus versos,
Da tua estirpe, e teu heroico feito,
Te sejam por igual os ceus adversos!
No abysmo virginal d'aquelle peito,
Os segredos, quem viu, que estão submersos?
Quem sabe lá que estrella ella procura
Quando do ceu percorre a azul planura?

Quanto a mim (a franqueza é sempre boa)
Com mais siso andarias, se á modista
A prenda abandonando, d'outra c'rôa
Mais séria te entregasses á conquista;
Isto de femeas sempre andou á toa,
E quem d'ellas se entrega á dubia pista,
Quando não dá co'os ossos na cadeia,
De mais pesada sorte se arreceia.

A prova em ti a tens, que em duro exilio
Já por ellas passaste uns tantos dias,
Sem que de gado tal exiguo auxilio
Te amenisasse as fundas agonias;
O mesmo já soffrera o bom Virgilio,
Ovidio, digo, lá nas partes frias
D'um desterro qualquer, por ter logrado
O amor d'uma princeza desejado.

Ora pois! O momento eil-o que chega
De a tão grandes desastres pôr um cobro;
Se Apollo tantos dons em ti emprega,
Marte dar-te-ha nas guerras o tresdobro.
Porque de amor o fado te denega
Os bens de que outros muitos tem o dobro,
Has-de gastar da vida os curtos dias
N'essas que entoas futeis elegias?

Quem valente nasceu, como o confirma
De teu passado a rabida memoria,
O credito alcançado mais affirma
Se entre balas ganhar difficil gloria.
De valoroso a fama não se firma
N'essa ridicula aura transitoria
De quem, nas baixas rixas d'um magusto,
Os queixos despedaça ao mais robusto.

Que farte, deves já saber que a vida
Não se leva qual tu a tens levado;
Nada obtem a canção por mais subida,
Já no paço d'el-rei, já no mercado.
Para que a meza tenhas bem servida,
E sejas entre os homens respeitado,
É mister que a mais nobre e séria empreza
Os dons que houveste dês da natureza,

A cada passo attestam que consomes
Tempo e saude, genio e valentia
Em nocturnos festins, e n'elles somes
Mais do que consumir te competia;
Bom é que, emfim, essas tendencias domes,
Porque não diga a historia, um bello dia,
Que o maior dos poetas portuguezes
Com rufiões comia algumas vezes.

Essa, porque ora saes do Tronco escuro,
Pouco digna de ti, doida façanha,
Te obrigue a ter mais tento de futuro,
E mais respeito á dignidade estranha;
Quem cinge d'uma espada o ferro duro,
Se em innocente sangue um dia o banha,
Reu de crime se torna, cuja pena
Por maior que par'ceu, sempre é pequena.

Não estranhes, por tanto, não, que em paga
Da liberdade que te dão, te obriguem
A defender da India a excelsa plaga,
Porque com mais rigor não te castiguem.
Do perdão concedido a affronta traga,
E porque novamente não periguem
Teus affectos, bom é que do Africano
Sigas o nobre exemplo pouco humano.

Não tornes cá, que a patria tem poetas
P'ra d'elles fornecer o mundo inteiro:
Caminha tem, Caminha que entre os getas
Ha muito já mer'cera o captiveiro.
Além d'este, é infinito dos athletas
O numero: ha Bernardes, mais Ribeiro,
Leitão, Silveira, Portugal, co'as damas,
As quaes tambem no Pindo fazem camas!

Já vês quão pouca falta á patria fazes,
E como a patria te é propicia e boa;
Em vez do Tronco, faz comtigo as pazes,
E quer que te divirtas lá por Goa;
Por companheiros, dá-te alguns sequazes
Das rusgas estrondosas de Lisboa,
E, porque emfim te partas mais tranquillo,
Cinco pintos te dá, segundo o estylo.

O buzilis agora é vêr se o velho
Presta a fiança, ao que não 'stá disposto!
Mas se elle a não prestar, dobra o joelho
Ante o do tio prazenteiro rosto.
O caturra não sei por que evangelho
Lê, que já de ti não faz o gosto
Que fazia n'outr'ora, e estou seguro
Que deixa ao caro tio o teu futuro.

Mas seja como fôr, arranja a cousa
E parte quanto antes, porque obtenhas
Honrada meza e mais honrada lousa,
Quando a largar da vida o fardo venhas.
Quem não trabalha e sua, não repousa,
Por mais que agite as turgidas azenhas
Da vida, que não moem com as agoas
Mornas das que lamentas doces magoas.

Isso d'andar um homem ensinando
Ás tenras hervas — simples choramigas —
Ora em choros que o vento leva brando,
Ora d'amor em languidas cantigas,
Os repellões que deve ao duro bando
D'essas da côrte candidas imigas,
Mais futil me parece inda que a graça
De andar de noute aos murros a quem passa.

Necessario é, por tanto, que não percas
Este da sorte salvador ensejo;
Se de avisados afinal te acercas
Que em breve os has de supplantar, prevejo;
Pois que tão cara a liberdade mercas,
Que a saibas estimar é o meu desejo,
Pondo-a ao serviço das brilhantes partes
Que revelado tens em varias artes.

Para terra te embarcas tão amiga,
E tão propicia áquelles que a compr'hendem,
Que logo sem esforço nem fadiga,
Já com tanto dinheiro não se entendem;
Alli ninguem se cança ou se afadiga,
Que os selvagens que ao sol por lá se estendem,
Tudo, em paga da paz, vos dão contentes:
Perlas, rubis, especies, e presentes!

Olha aquelle que ha pouco se mostrava
Cá d'esta Babylonia pelas ruas,
Tão pobre e descozido que mostrava
Torpemente as espaduas semi-nuas,
Como agora, depois que á furia brava
Das ondas entregou as causas suas,
Tão galhardo se mostra, que não posso
Acreditar que esteja alli meu moço!

Vê mais este de quem toda Lisboa
Cheia de medo rapida fugia,
Porque não lhe assaltasse a escassa b'roa
Que para os filhos seus comprado havia,
Como, depois que da longinqua Goa
Voltou do Tejo á esplendida bahia,
Se vinga com festins a toda a hora
Da que soffreu miseria aviltadora.

Olha mais este grupo de faiantes,
De quem o Tronco guarda inda a lembrança,
Que, dos magustos nos banzés constantes,
Ao murro punham tudo em pé de dança,
Como um dia, buscando esses distantes
Paizes, de que o luso tem a herança,
Tão sérios se tornaram e opulentos
Que são hoje da patria os ornamentos!

Ora pois! É mister que d'esta gente
Sigas os passos e as acções imites;
Que da vida que vives inclemente
Afinal como aquelles te desquites.
Se um nome queres ter proeminente,
Em contendas que taes não mais te agites;
Segue de Goa a senda, e segue-a azinha,
E deixa o resto cá por conta minha.

Ahi tens ao teu dispôr o melhor lenho
Que ha das Indias na turbida carreira;
Nau maior que a *S. Bento* não convenho
Que a haja, mais segura e mais veleira.
Não te assuste do Cabo o sobrecenho
Feroz, nem das procellas a canceira,
Que da patria, que tanto te ama e preza,
Tens por teu lado as preces n'esta empreza.

O meu conselho acceita, que seguro
Estou do que te deixo exposto e dito;
Eu não trocava agora o teu futuro
Pela maior pyramide do Egypto.
Perlas, rubis, saphyras — um monturo
De joias — como nunca o sambenito
Apanhou aos judeus, que vai queimando
De Christo a lei benigna infamando

Tudo d'isto terás que farte, afóra
Mil cousas que em silencio aqui te deixo;
D'amor o doce fructo, a cada hora,
Alli te deixará pendido o queixo!
Ó filhas sensuaes da rosea aurora,
Ó do Oriente languido desleixo,
Quem lográra teus sonhos, teus suspiros
Do Mandovi nos calidos retiros!

Mais terás, se das musas a pancada
Em paz não te deixar essa cabeça,
De Goa em cada pedra ensanguentada
Um canto que aos de Homero a gloria peça;
Nada da lusa lyra sublimada
Melhor a furia accende, que a tripeça
Em que a patria, nas partes do Oriente,
Se assenta desmamada, irreverente.

De novo te convido a que aproveites
Estes da experiencia sãos conselhos;
Da minha lealdade não suspeites,
Que não sohem mentir cançados velhos;
D'estas lições, a esmola, não regeites,
Que são lições gravadas nos espelhos
Em que me vejo, pobre e em desalinho,
Por não seguir a tempo esse caminho.

Um dia voltarás, se á Providencia
Não aprouver que á sombra dos palmares,
D'essa já tão comprida penitencia,
Enterres as agruras e os pezares.
E então, da minha grande impertinencia
Comprehendendo as causas singulares,
Me darás os emboras merecidos
Em presentes custosos convertidos.

Verás então do tempo que gastaste
Baldadamente a perda irreparavel;
Dos prantos femininos que choraste
Sentirás a fraqueza imperdoavel;
D'essa, por quem desterros affrontaste,
O coração verás abominavel,
Se antes d'isso o diabo, que é bondoso,
Lhe não tirar co'a alma o philtro ascoso!

Mas onde vou que o sacrosanto vulto
Quasi comparo a um misero negreiro?!
Da pimenta no charco, emfim, sepulto,
Ó tu d'entre os mais nobres o primeiro!
Perdoa-me, Camões, martyr inulto
D'este do genio culto carniceiro,
Que as cousas, como quer que as esclarecem,
São como são e não como parecem.

Quando a intenção é santa e nobre e digna
Bem se dispensam futeis ornamentos;
Quantas vezes a phrase mais benigna
Da hypocrisia encobre os maus intentos?
D'essa mancha tão feia como indigna,
Limpos estão meus puros pensamentos;
Verdade, e só verdade! Eis a divisa
D'uma alta consciencia dura e lisa.

Eu não quero offender tua memoria
Perante a qual me curvo reverente;
Mas é melhor que não escreva a historia
Quem da verdade é surdo á voz potente.
Nem tudo quanto luz é ouro e gloria,
E eu vejo para as bandas do Oriente,
Tanta miseria e lôdo, que não conto
Passar a sangue frio aquelle ponto.

Eu quiz dar uma ideia, embora fraca,
Do que foi cá e lá o luso imperio!
Não falla com acerto, o que me assaca
Intuitos de deslustre ou vituperio.
Das melhores não é de certo a estaca
A que me arrimo, porque é sempre sério
A verdade dizer-se nua e crua,
Mas eu confio na justiça tua.

Nós vamos passo a passo acompanhando
Dos tempos as mudanças e os augmentos;
Do passado os costumes relatando,
Melhor vêmos dos d'hoje os mer'cimentos.
Emquanto a tua gloria celebrando
Sinceramente vou, entrego aos ventos,
Do tempo em que viveste, a variedade,
Porque melhor te julgue a humanidade.

Fallar-te em ouro, pedras e pimenta
E mil infamias mais, quando teu peito,
Da maior magua, as furias exp'rimenta,
E em duras provações voa desfeito;
Quando mais desabrida e mais violenta
A desgraça te mostra o negro aspeito,
Zombar da tua dôr, metter, sem tino,
A riso a escuridão do teu destino;

Para estimulo dar-te a suja téla
Dos crimes d'além-mar, quando com prantos
Buscas de Goa a terra, porque n'ella
O termo encontres de tormentos tantos;
Tornar assim mais rabida a procella
Que de pavor e medo te enche e espantos,
Se outro intento minh'alma não sentisse,
Como repito agora, e acima disse;

—Crime nefando, e digno de castigos
Gravissimos seria esse peccado!
Que não foram tão duros os antigos
Algozes por quem foste expatriado!
Meus olhos, da desgraça, são amigos,
Que na desgraça muito têm chorado,
Nem eu conheço quadro mais tremendo,
Do que o do genio á mingua perecendo!

Que farte a dôr conheço, e em demasia
Da desventura o fel tragado tenho,
Para da tua gélida agonia
Apedrejar o ensanguentado lenho!
Da minha phrase a insolita ironia,
Tão falta de calor, talento, engenho,
Nada mais é, Camões, do que o effeito
Do fel que o mundo me verteu no peito.

Eis hi vês retratado o arduo aggravo
De que em todas as épocas foi fito,
Aquelle em cuja fronte o agudo cravo
Do genio grava um lábaro maldito!
Ó tu da Utilidade ignaro escravo,
Se o teu sermão de lagrimas repito,
Embora não o esperes, fica certo,
Que melhor perrexil não vi tão perto!

Fallas em ouro, perolas, pimenta
A quem de cousas taes o preço ignora!
Não sejas tão cruel, que violenta
De mais a magoa é já que o devora!
Quem do genio os feitiços exp'rimenta,
Da riqueza os encantos não namora;
Depois da gloria, cujo brilho o arrasta
Tão cegamente, um coração lhe basta.

Um coração que compr'hendel-o possa,
Vasto, profundo, transparente, duro;
Que viva n'um palacio ou n'uma choça,
Constantemente alegre e sempre puro;
Que, a despeito dos annos, mais remoça,
E por mais que o persigam, mais seguro
Se mostra na constancia e fé jurada,
E assim termina a turbida jornada!

Susta lá teus conselhos fementidos,
Embora co'o bom senso te acobertes;
D'aquelle peito nos parceis tingidos
De sangue, mais saudades não despertes.
Ao pé de queixas, prantos e gemidos,
Não ficam bem accusações solertes;
Quem te guindou, ó cafre, que blasphemas
Do genio ás aureas regiões supremas!

Com que direito medes seus intuitos
Por esses de que tantos se alimentam?
Dois ou tres erros leves e fortuitos
Um caracter acaso representam?
Do genio os doces, saborosos fruitos
Variadas retortas exp'rimentam;
Não 'stão ahi da historia, bem patentes,
De todo o tempo, as folhas eloquentes?

Que me dizes de Socrates, ardendo
De Sodoma nos sordidos desejos?
D'este, que de Manfredo o passo horrendo
Vae seguindo atravez de escuros brejos,
Que curvas desiguaes vão descrevendo
Os pés? E que phantasticos bordejos
São esses, que ora ensaia a nau venusta
Que de Rola conduz a perla augusta?

Olha o Christo cercado de leprosas,
De bandidos, e baixas meretrizes!
De mil outros que em aras sumptuosas
Do mundo o culto têm, o que me dizes?
Das já fechadas chagas cancerosas
Porque arranhas, panthera, as cicatrizes?
Porque motivo enfados, borborinhos,
Se aguas passadas não impellem moinhos?!

Deixa-o partir em paz, que bem sombria
O fado lhe prepara essa partida!
Não sejas mais feroz do que a enxovia,
Mais duro do que a amante fementida.
Das experiencias tuas, a ironia
Mata, envenena, quem não quer da vida
Mais que um momento de vingança, crê-me,
Ó tu que do bom senso tens o leme!

Eu conheço de ha muito a cantilena
Com que embalas do genio a somnolencia!
«Manda á tabúa a languida sirena
Que assim te enerva a rapida existencia;
A mais bella canção não vale a pena;
Pois nada vale a azul phosphorecencia
D'um sonho que se esvae! a gloria é fumo!
Ouro e mais ouro! não ha outro rumo!

Se queres ter como qualquer pessoa,
Como qualquer gallego ou qualquer bicho,
Um leito, uma mulher, rasteira ou boa,
Bom é que á fava mandes tal caprixo!
Do louro nada vale a excelsa cr'ôa,
Que isso de louros nada é mais que lixo,
E lixo infecto, que de nada monta,
Por mais historias vãs que a historia aponta.»

Sempre isto em todo o tempo e em toda a idade!
Sempre este espectro a par de quem medita!
Por mais que o genio fite a immensidade,
Sempre aquelle phantasma encontra e fita!
Thesouros! quando em ferrea soledade
Deixa o maior de todos! que desdita
É esta, inexoravel, que acompanha
Quem da luz no oceano a alma banha?

Talento, genio, amor, tudo sepulto,
Depois de tanto esforço, em vil lameiro!
Perdoa-lhe, Camões, o ignaro insulto,
Que não sabe o que diz esse tendeiro!
Que monta da vulgaxo o ardente culto,
Da riqueza que póde o philtro arteiro,
Perante quem do genio e quem da gloria
A estrella segue doce e tormentoria?

Que importa de Sampaio (se o contemplo
Á fulgurante luz da historia fria
Que vergonha, meu Deus!) o baixo exemplo,
E d'outros de quem é rival ou guia!
Quem sabe venerar seu proprio templo,
Regeita de ladrões a companhia,
Porque a um ladrão, embora a escravos roube,
Sempre o baraço ou a enxovia coube.

Que este ande pela Arabia pirateando
Do gentio as galeras descuidadas!
Que este em furia se parta, saqueando
As opulentas villas socegadas!
Que este d'um peito enfraquecido e brando
A vida arranque a fervidas lançadas,
Que de triumphos taes a indigna palma
Não logrará jámais tocar-te a alma!

Não! quem possue do bem tão bella ideia,
E da patria o bom nome tanto preza,
Póde morrer á fome ou na cadeia,
Mas nunca abraçará tão baixa empreza!
Por preço tal, embora não me creia
Quem não me entende, a vida e o ar despreza,
O que da vida e liberdade conta
A alta missão cumprir que Deus lhe aponta.

Despedace-te embora a dor aguda
De tantos infortunios e maldades,
Que quando o amor da patria não te acuda,
Hão-de salvar-te as proprias qualidades!
Por mais que soffra e pene, nunca muda
O coração d'aquelle, que ás verdades
Eternas devotou, da vida inteira,
Liberdade, repouso, amor, canceira.

Mas ai! como é custoso pouco a pouco
Vêr na desgraça o tempo consumido,
Mercê d'um sonho por ventura louco,
Ou d'um vão preconceito sem sentido!
Se da justiça á voz o céo é mouco,
E a patria ao meu clamor não presta ouvido,
Que monta a Deus servir, e de que serve
Que eu da patria no amor tanto preserve?

Ha tres lustros ou mais que vago errante
Por estas, em que estou, negras paragens;
Da Arabia o ar bebi asphixiante,
E de Ternate as cálidas aragens;
De tudo quanto préso tão distante,
Familia, amor, leaes camaradagens,
Precocemente envelheci, e ao termo
De tanta pena, eis-me mendigo e enfermo.

Tive ante os olhos meus tantos thesouros,
E, de tanta riqueza, apenas pude
Uma perla roubar, porque aos meus louros
O symb'lo não faltasse da virtude.
Como temia infamias e desdouros,
E porque a mão de Deus sempre me ajude,
Nada mais quiz que o puro amor da escrava
Que com seu pão e amor me alimentava.

Ó Barbara! mas ah! quantas mentiras
Bebem co'o leite os miseros humanos!
Que treda voz a voz das falsas lyras
A cujo som vi deslisar meus annos!
Porque sempre o peior, emfim, prefiras
A venerar te ensinam vãos enganos,
Depois... da exausta vida, ao cabo extremo,
Que a propria luz do sol nos falte, temo!

De longes terras vim, porque a fortuna
Mais branda me sorrisse que em Lisboa,
Mas quando Deus nos abandona a escuna
Da vida, a porto amigo não se aproa!
Como qualquer bohemio andei á tuna,
Agora por Macau, logo por Goa,
E, ao fim de tantas penas e trabalho,
Não tenho, onde m'aqueça, um agasalho.

Em pugnas infernaes expuz a vida,
Em frigidas prisões chorei meu fado,
Senti da fome a pua ennegrecida,
E por ladrão de todos fui notado;
De naufragios soffri a insana lida,
E da besbelhotice o enredo ousado,
Lidei com feras, vivos e defuntos,
E só espinhos vi commigo juntos.

Emquanto cheios d'ouro os outros partem
Para as da patria solidões risonhas,
Com medo de que os cães de mim se apartem,
Dos cães escondo as privações medonhas;
E porque mais depressa se descartem
D'estas já seccas minas enfadonhas,
D'aquelles alguns ha, que á sua custa
Mandaram fabricar a nau robusta.

Tem d'estas e que taes impaciencias
O grande amor da patria d'esta gente;
Para provar da espada as excellencias
São mais de molde as salas do occidente.
Quem d'estas partes soffre as inclemencias,
Depois de rico, é doudo certamente;
Que aqui na excelsa terra da pimenta
O sol de mais um pouco o corpo aquenta.

Se ao menos me levassem por esmola
Do patrio lar de novo ao doce brejo!
Eu creio que inda tenho na sacola
Da vida com que pague esse bordejo!
Da minha deslumbrante, antiga escóla,
Onde se esconde o lucido cortejo!
De ti que é feito, Portugal amigo?
Onde, caro Leitão, déste comtigo?

Ai! tudo extincto como um sonho ignaro
Ao contacto d'este arduo aviltamento!
D'aquelle heroico bando, ó ceu preclaro,
Nada mais resta que um saudoso accento!
N'este do meu viver deserto amaro,
No mar d'este meu longo soffrimento,
Nada mais vejo do que a face branda
De este negro que fede que tresanda.

Nada mais, senhor Deus, que o pobre escravo
Esse fiel *interprete* das magoas,
Que, d'esta ingratidão, o agudo cravo,
Transforma em duras, insondaveis fragoas!
D'essas em que d'ha muito a face lavo
Caudaes, sinceras, transparentes agoas,
As mais puras de quantas hei vertido
Todos o pobre Antonio tem bebido.

Onde, Senhor, encontrarei thesouros
Com que possa pagar taes beneficios?
Por quanto me arremata a patria os louros,
Penhor de meus heroicos sacrificios?
Ah! se em vez d'affrontar os mil pelouros
Do gentio, e da guerra os maleficios,
Como poeta, amante e cavalleiro,
—Pirata me fizesse ou specieiro;

Em vez das amarguras que soffrendo
Estou aqui n'este arido abandono,
Dos dilatados campos que estou vendo,
Rico e feliz me chamaria dono!
Agora, porque é tarde, me arrependo
D'esse tão mal fundamentado entono,
Com que da vida entrei a horrivel liça,
Onde mais vale manha que justiça!

Ai! eu bem vi, Camões, que o desconcerto
De teus dias findava alegremente;
Eu ja de longe via o ceu aberto,
Que Deus te preparava no Oriente.
Da nau desarvorada o rumo incerto,
E a grita da assustada e lassa gente,
Bem mostravam que tinhas na viagem
Por teu lado dos anjos a bafagem.

Que importa que a *Loreto,* a vela rota,
Nas azas vá de ventos tão contrarios!
Que a *Concepção,* da salsa via ignota,
Sem leme, galgue os serros mortuarios!
Pois da *Santa Maria,* que a derrota
Ja não conhece, os solavancos varios
Que importam! se a *S. Bento* silenciosa,
Espapaçada, singra em mar de rosa!

Deus quer que a nobre grei da excelsa Goa
Teus cantos ouça, e te exp'rimente a espada;
Não seja só Coimbra, e só Lisboa
Que de taes prendas tenha a posse amada.
Porque ja desunida a esquadra voa,
Não julgues a existencia terminada,
Porque dos fados a vontade escripta
Não quer que d'esse bem tenhas a dita.

É preciso que vivas, por que vejas
Quanto a virtude aos homens desagrada;
Por mais altos mysterios que prevejas,
Sabe do que menor não sabes nada.
N'esse mundo phantastico em que adejas,
Que esp'rança vês emfim realisada?
Tudo chimeras, sonhos, phantasias,
Que tão depressa annullas como crias.

Ora pois! vae com Deus, porque é preciso
Que não vivas sonhando eternamente;
Ás proprias custas ganharás juizo,
E nome alcançarás proeminente.
Este o da experiencia sabio aviso,
De que farás bom uso, se não mente
O animador aspecto, com que aportas
Ás do Oriente hospitaleiras portas.

Mas ah! que assim te esqueces tão depressa
Do proposito firme que levavas;
Que Deus te ampare, amigo, e te esclareça,
Porque se adocem propenções tão bravas.
Deixa lá que o Toscano as forças meça
Co'o Serrão, cujo ardor não suspeitavas;
Por uma vez põe termo a tal canceira
Por que a tormenta evites do Sequeira.

Cançado ainda estás da longa rota,
E já das brigas o prazer procuras!
Ás damas, que mal viste, já pões nota,
Achando que ellas *cahem de maduras!*
Meadas de hervilhaca ou de bolota
Tens que da sua lingua as phrases duras
Travam do entendimento nas goellas!
—Que montam para o caso estas mazellas?

Que importa que das damas de Lisboa
Que como um pucarinho novo chiam,
Não aches no palrar d'estas de Goa
Os encantos que tanto te inebriam?
Quem da exp'riencia os fructos apregoa,
D'esses fructos que tanto te sabiam,
Grelar não deixa a candida semente,
Porque ajuste ao preterito o presente.

Se vaes como soldado, do teu berço,
Combater pelo augmento appetecido,
Porque segues caminho tão diverso,
Que em rixas mil te vejo já envolvido.
Em perfurante prosa e agudo verso,
Porque de Goa atacas o brunido
Brazão altisonante, quando Goa
Com nada mais se desvanece e atroa?

Que tem que ver perante os teus designios
Dos costumes da terra os estatutos?
Entra lá d'um guerreiro nos dominios
Que sejam mais ou menos dissolutos?
Da poderosa mão despedes igneos
Raios certeiros, rabidos, astutos,
Do fragil gado contra o fragil seio,
Tu da cavallaria heroico esteio?

Que importa que esta ignore de Petrarcha
Ou de Boscão a linguagem bella?
Mais funerarea ainda do que a Parca
Que monta para nós que seja aquella!
Se na fervura que dez graus já marca
Esta te deita agua, o mal é d'ella!
E est'outra, toda entregue a vãos aceios,
Que importa que ao pudor tirasse os freios?

Ai! más estrellas, certo, te fadaram,
Como confessas, quando da *materna*
Sepultura teus dias se soltaram,
Porque do sol os banhe a luz superna!
Mysterios estes são, que não lograram
Jamais os homens explicar, que a eterna
Potestade infinita p'ra si guarda
O doce pezo d'esta doce albarda.

Ora e pois que emendar não conseguiste
Os aleijões da fragil natureza,
Porque atacas o ceu de lança em riste?
Porque da patria accusas a frieza?
Tu, que tanto estudaste e andaste e viste,
Somente agora vês a prova accesa
De que com ferro morre, quem com ferro
Outrem envia ao sepulchral desterro?

4

Das lagrimas que indomitos fazemos
Derramar, quem provoca a malquerença!
Ah! quanto mais andamos e mais vemos,
Mais do orgulho nos cinge a sombra densa!
Se as penas fulminadas não mer'cemos,
Porque confirma Deus essa sentença!
Eu sou pouco orthodoxo, mas receio
Ver Deus em certos casos de permeio!

Esse, que em Moçambique ora te aguarda,
Novo desastre, espanta que o padeças,
Se vaes dos temerarios na vanguarda
Da hydra provocar as mil cabeças!
De tal façanha a punição já tarda,
Porque do teu destino não pareças
Finalmente esquecido, e não te afaças
Da fructifera paz ás aureas graças.

Pois quem, por mais valor a que se encoste,
Buscaria de tigres a guarida?
Quem, por mais p'rigos que sem medo arroste,
Não teme da traição a garra infida?
Eis-te de novo acorrentado ao poste
Da mais funda miseria desabrida!
Mas ah! quem tal desdita não previa
Em tudo o que o cercava, e em quanto via?

Esse, de quem o agasalho acceitas,
D'aquelle vem, cujo podêr pesado
Exp'rimentaste, quando a infames peitas
Ouvidos deu, da rectidão mau grado; [1]
Do mesmo vem, que em satyras suspeitas
Contra o de Goa, repellente estado,
Teu pulso julgou ver, e nas alheias
Meadas descobriu as proprias teias.

É certo que não é contra Barreto
Que despedes o raio omnipotente;
Por mais nobre que seja, é muito abjecto
Para, da penna tua proeminente,
Uma linha alcançar, que o torne objecto
Da eterna admiração da fraca gente;
Que quando o genio um vil pigmeu escacha
Logo em gigante transformado o acha!

Não! de Barreto contra os maleficios
Pessoaes, não se insurge um bom soldado;
Quem faz pelo seu rei taes sacrificios,
O rei acata alli symbolisado
No seu logar tenente; contra os vicios,
Do luxo contra o amor desordenado,
Contra a baixeza d'animo, e adulterios,
É que vão seus ardentes vituperios.

Mas quem d'uma sincera consciencia
Acceita de bom grado, os sãos conselhos?
Quando a justiça está na prepotencia
D'este e d'outros que taes escaravelhos!
Quem, d'atrevido, turba a transparencia
D'esses, em que se miram, vãos espelhos,
Póde alcançar as palmas do futuro,
Mas não tem do presente o bem seguro!

Olha, vê como as nuvens no horisonte
Novamente tão negras se encastellam;
Como, do largo mar que tens defronte
De novo as bravas ondas se encapellam!
E porque mais se engrosse a grossa fonte
Das furias, que tão duras te arrepellam,
Eil-o a teu lado, ó rei do duplo sceptro,
Da vagarosa fome o esguio espectro.

Tudo perdido, emfim, nada que atteste
Tua memoria ficará no mundo!
E sem lema, nem lousa, nem cypreste,
Do olvido cahirás no abysmo fundo.
Dos edificios magicos que ergueste,
Que salvaste do pelago iracundo?
Que herança legas á severa historia,
Que tanta luz de ti esp'rava e gloria?

Responde, ó foragido, que liberto
Dos ferros que arrastavas, já procuras
Do patrio lar, do paternal coberto
As sempre desejadas espessuras;
Responde sem temor, porque estou certo
De que apesar de tantas desventuras,
Quer a sorte, por ultimo apanagio,
Que alguma causa tragas do *naufragio!*

Responde, que t'o pede o bando amado,
Que, mercê dos contrarios ventos duros,
D'aquelle, em que jazias, baixo estado,
Humanamente abate os ferreos muros;
Se por elle já sulcas os salgados
Crystaes do Tejo, e da patria os puros
Ares respiras, porque não respondes,
E assim modesto e timido te escondes?

Animo, ó genio! a lusitana gente
Teu canto quer ouvir! eia! coragem!
Quem o suão venceu do acceso Oriente,
Da patria não receia a branda aragem!
Vamos! da lyra homerica, a fluente,
Caudal, divina, heroica linguagem
Responda á voz titanica da historia,
Que é n'este caso a voz da eterna gloria.

Mostra lá d'essa biblia magestosa
As sacrosantas folhas sybillinas!
Da Renascença a fonte caudalosa
Deve ahi ter scintillações divinas!
Da peregrinação longa e custosa
Quem melhor do que tu conhece as sinas
Diversas, e diversas aventuras,
Esperanças, saudades, amarguras?!

—Eis do Gama o famoso itinerario
Os varios contratempos e pezares;
Este é, do luso, indomito adversario,
Mas esta annulla sempre taes desares;
Como jurado imigo, ergue o contrario
Contra a frota o furor dos ceus e mares,
Mas esta que a protege emfim lhe mostra
A terra de que trago amarga amostra.

Eis-aqui do terrivel promontorio,
N'este gigante estranho, a semelhança;
Não o creiais phantastico, illusorio,
Que d'elle viva trago inda a lembrança.
Torvo, sinistro, horrivel, tormentorio,
Com pés e mãos o mar e a terra alcança;
Investe denodado a armada; estruge,
Chora, assovia, prophetisa, ruge.

Conta do seu passado a historia, horrendo,
E a humilhante paixão que o transformara
N'este colosso abôrto, que estaes vendo
Da minha creação na phrase clara;
Mais relata os desastres, que prevendo
Está, do tempo acima, e a sorte amara
Que esperam quem, nas aguas em que habita,
Affrontar d'atrevido tal desdita.

Eis d'Ignez os suspiros doloridos,
O desgraçado amor e morte escura;
Os prantos, que chorara, convertidos,
Eil-os correndo vão n'est'agua pura.
Estes, os eccos tristes, que os gemidos
D'aquella nunca ouvida desventura
Ainda guardam, e repetem inda
Na eterna voz da sua dor infinda.

D'estes, que vão correndo a toda a brida,
O nobre aspecto vêde, e fero gesto;
De marcia empreza e trabalhosa lida,
Indicio mais que certo, manifesto:
Os doze lusos são, que n'esta vida
Sempre terão do inglez o culto mesto!
Que mais pretendeis vêr, se pelo dedo
Se conhece o gigante que põe medo?

Mas inda assim olhae: Esta trombeta,
Que apressada ao combate os lusos chama,
É de Castella a voz, e a grei replecta
De confiança em si tal voz acclama.
Esta, que tanto encontra e abate e espeta,
É de Joanne a lança, que proclama,
Com a de Nuno egregia providencia,
Da resgatada patria a independencia.

Mais vêde n'este grupo altisonante
Que a penna empunha e co'o compasso traça,
Dos dois primeiros o lidar constante,
E a constancia do outro na desgraça!
Henrique vêde, altivo navegante,
Duarte, que reinando o ultrapassa
Em sciencia, e Fernando que captivo
Por seu rei, lá se fina em canto esquivo.

Eis-aqui... mas eu sinto que me arrasta
Não sei que estranho ardor que me suffoca!
Basta, basta, Camões, isto nos basta,
Que mais póde cantar a humana bôcca!
Onde mais brava tuba? onde mais vasta
Fonte de patrio amor, que tanto toca
As nossas gastas almas, avergadas
De mil paixões ao pezo, ensanguentadas?

Ai! que doce é morrer quando da gloria
Nos cobre como a ti o manto amigo!
Que nobre exemplo, que invejada historia!
Que luz na eterna sombra do jazigo!
Mas, ó da triste vida transitoria,
Unico bem, que estimo adoro e sigo,
Humano genio, que espantosa cousa
Que assim te apague a morte e suma a lousa!

Mas visto que é preciso que assim seja
Para o do mundo harmonico concerto,
Porque da magoa minha rumoreja
A inutil queixa, o baldo desconcerto?
Eis embotado emfim da ardente inveja
O dardo que feria de tão perto,
Da calumnia a dentuça anavalhada
Eil-a, a final, em bençãos transformada!

A quem trabalha e pensa e soffre e estuda
Nunca de Deus o amor se mostra esquivo;
Tudo ante a morte cae, tudo transmuda
Esse do genio extremo lenitivo.
Logo que a vida perde, e a fórma muda,
Eis livre para sempre esse captivo!
Falla por mim, ó tu, que entras agora
Da inalteravel luz na eterna aurora!

Ai! que montam desgostos, desventuras
Ante essa, que te aguarda, recompensa?
Vê como das soffridas amarguras
Liberalmente o mundo te compensa!
Onde do exilio as solidões escuras,
E dos homens a ingrata desavença?
Do ciume, onde a vibora? onde pára
Do teu occulto imigo a ferrea vara?

Vê, considera, agora que descanças
Por todo o sempre sôb a terra fria,
O que valem do mundo as esquivanças,
E da fortuna a rabida porfia!
Da sorte naturaes são as mudanças,
Porque haja em tudo regra e harmonia;
De Deus a eterna lei sabia governa
Esta do genio seu machina eterna.

Se grande tens de ser, o que te importa
Do verme que se arrasta o lodo immundo?
Que um selvagem real te feche a porta?
Que em mil tribulações te lance o mundo?
Que este, cuja pupilla não supporta
De tanto genio o brilho furibundo,
As costas com desdem te volte, e aquelle
Com dente roedor te aggrida a pelle?

Que vagues pela terra abandonado
Como bohemio exhausto ou cão vadio?
Que ora tremas de susto, desterrado,
Ora em baixas prisões tremas de frio?
Que o sepulchro no mar encapellado
Se te abra a cada passo ermo e sombrio?
Que amor se mostre surdo ao teu lamento?
Que por negros parceis te impilla o vento?

Que este te roube os versos, porque a terra
Não tenha de teu genio a clara prova?
Que est'outro contra ti levante a guerra,
Que de dia p'ra dia se renova?
Que aquelle, porque em vão vomita e berra,
Á traição te prepare a escura cova?
E que, como uma hyena, te persiga
Dos proprios elementos a fadiga?

Que moribundo já, para o pedido
Carvão, não tenhas um real, e vejas
Da fome o braço esqualido, estendido
Por sobre o leito vil de que te pejas?
Que, emfim, baixando ao tumulo esquecido,
De todos esquecido um pouco estejas?
Que até da raza campa em que repousas
Um raio esmague as memorandas lousas?

Tudo isto que importa, se o teu pulso
O pulso é d'um Deus omnipotente?
O chão sob teus pés geme convulso!
Perante ti desmaia o sol ardente!
Quer te impilla da patria o marcio impulso,
Quer descantes d'amor benignamente,
Não sei que fogo estranho nos inflamma,
Que o que uma vez te ouviu p'ra sempre te ama!

Não temas, não, que Portugal te esqueça,
Porque em pobre lençol á terra desces!
Por mais surda que a patria te pareça,
Mais da patria no amor vives e cresces!
Quantos mais annos teu sepulchro meça,
Dos annos no volver mais tu floresces;
Eis o que escripto está e ha muito é dito
Que nada apagar póde o que está scripto.

N'essa em que ora repousas cova estreita
Da patria a independencia eil-a a teu lado!
Primeira punição d'essa desfeita
De que soffreste o dardo envenenado.
De sacrificio tal, o sangue acceita,
Em desconto do crime perpetrado,
E perdoa-lhe emfim, porque tal scena
É mais digna de lastima, que pena.

A patria como aquelles que açoutaram
O sacrosanto filho de Maria,
E n'uma cruz ignobil o pregaram,
A patria não sabia o que fazia!
Tão venenosos philtros lhe insuflaram
Lá d'Alcacer na ardente plaga impia,
Que a pobre tresloucada e semimorta
Cahiu sem forças do sepulchro á porta.

Ai! da patria a nefanda somnolencia
Longa será e gélido o lethargo!
Tomou-lhe aquella antiga vehemencia
Não sei que negro pezadello amargo!
Mas um dia, bradando: Independencia!
E de a manter tomando o honrado encargo,
A patria rediviva e resgatada
Honrar-te saberá a egregia ossada.

Verás teu nome alçado á mor altura
A que pode subir um nome de homem!
E em templo transformada a estancia escura,
Onde agora teus restos se consomem!
Da tua grande, explendida escriptura,
Porque vicios fradescos o não domem,
O texto restaurado, com respeito,
Verás, por mão amiga, e sem defeito.

Mais verás, se não mente a prophecia,
Virem de varias partes do universo,
Porque os encante a magica harmonia
Do que escreveste numeroso verso,
Povos de varia raça, desde a fria
Paragem, onde Milton teve o berço,
Té aos confins accesos do Oriente,
Que teu pranto inda guarda reverente.

Como reliquia santa conservados
Em funeraria urna altisonante,
Os ossos teus verás, mais estimados
Do que rubi ou perola ou diamante.
E, depois, que de todo asserenados
Forem da patria os dias, triumphantes
Vel-os-has, de festiva romaria
Motivo, entre reis ter moradia.

Teu busto egregio em bronze modelado
Verás tambem, se a mente não me illude,
Porque da patria o olvido tão pesado,
N'um brado eterno de louvor se mude!
Como servos humildes a teu lado,
Da espada alli verás e do alaude
Os capitães mais destros e perfeitos,
Que de honra tal se acanham contrafeitos.

Mais verás, se d'um povo agradecido
Mais se deve esperar e a mais aspiras,
Triumpho tal que nunca mais subido
De Grecia ou Roma o celebraram lyras!
No templo, em que hoje dormes esquecido,
Verás em teu louvor milhões de pyras;
Cantos terás que reis nunca escutaram,
Nem deuses dos humanos já lograram.

Verás por toda a parte a maravilha
Exposta aos olhos da nação absorta,
Essa gigante nau cuja aurea quilha
Tres edades sulcando, á gloria aporta!
Mais verás... Mas que estranha mancenilha
Me cobre, que cançada e semimorta
Já sinto a lyra, cuja corda obscura
Ousou manchar da tua fama a alvura?!

Ah! pois que mais não posso e mais não ouso,
Porque mais não augmente os meus peccados,
Meu canto terminando, a lyra pouso
Da tua bronzea estatua aos pés sagrados.
E, volvendo de novo ao negro pouso
Dos meus antigos ocios e cuidados,
Perdão te peço, co'o protesto amigo
De nunca mais entrar ao teu jazigo.

Não, que dissesse tudo a teu respeito
Pois, por maiores cousas que cantasse,
Empreza tal não levaria a effeito,
Se a tão revolto mar me abalançasse;
Mas porque temo, e d'isto não suspeito,
Ficar, se aqui meu canto não findasse,
De estulto empenho acceso na canceira,
Manchando a tua gloria a vida inteira.

